

Queer além das fronteiras: Interseccionalidade e Decolonialidade na reimaginação dos Estudos Queer

Jeferson José Silvério dos Santos¹

*Recebido em julho de 2022
Aceito em outubro de 2022*

RESUMO

Os estudos *queer* podem ser compreendidos como um campo de estudos que se desenvolveram a partir de uma série de diálogos e tensões entre diferentes tradições teóricas, incluindo a teoria feminista, a teoria pós-estruturalista, a teoria crítica e a teoria cultural. Essas influências resultam em diferentes aproximações e afastamentos entre as pesquisas sob a perspectiva *queer*, que podem levar a diferentes interpretações e abordagens. Apesar dos avanços que essa área tem promovido em relação à desnaturalização das identidades de gênero e sexualidade, tal leitura tem sido criticada por sua suposta falta de atenção às questões interseccionais e pela incorporação acrítica de saberes oriundos de contextos históricos e culturais alheios a diversas realidades distintas. Por meio da revisão de literatura, neste trabalho propomos explorar, reconhecendo que não se pretende esgotar as múltiplas possibilidades trazidas por essas leituras, as abordagens críticas *Queer of Color* e *Two-spirit*, bem como uma tentativa de reimaginar o conhecimento sobre gênero e sexualidade, construindo reflexões mais plurais e inclusivas que leve em conta o projeto decolonial e interseccionalidade entre outros marcadores sociais de diferença, como cor/raça e classe.

Palavras-chave: Estudos Queer; Interseccionalidade; Decolonialidade.

Queer Beyond Borders: Intersectionality and Decoloniality in Reimagining Queer Studies

ABSTRACT

Queer studies can be understood as a field of study that has developed out of a series of dialogues and tensions between different theoretical traditions, including feminist theory, post-structuralist theory, critical theory, and cultural theory. These influences result in different approaches and departures between research from a queer perspective, which can lead to different interpretations and approaches. Despite the advances that this area has promoted in relation to the denaturalization of gender identities and sexuality, this reading has been criticized for its supposed lack of attention to intersectional issues and the uncritical incorporation of knowledge originating from historical and cultural contexts alien to various distinct realities. Through literature review, in this paper we propose to explore, recognizing that we do not intend to exhaust the multiple possibilities brought by these readings, the critical approaches *Queer of Color* and *Two-spirit*, as well as an attempt to reimagine the knowledge about gender and sexuality, building more plural and inclusive reflections that take into account the decolonial project and intersectionality between other social markers of difference, such as color/race and class.

Keywords: Queer Studies; Intersectionality; Decoloniality.

¹ Graduando em Ciências Sociais, Bacharelado, pela Universidade Estadual de Londrina, Brasil. E-mail: jeferson.santos@uel.br

Introdução

Uma abordagem crítica tem sido adotada pelos estudos *queer* para analisar as identidades de gênero e sexualidade, com o objetivo de desafiar as normas sociais e históricas que marginalizam e oprimem experiências e práticas que não se encaixam nos padrões heteronormativos e binários. Desse modo, os estudos *queer*², em sua essência, questionam a interconexão entre sexo, gênero e sexualidade, bem como a maneira como essas categorias são construídas socialmente e frequentemente utilizadas para perpetuar formas de opressão e exclusão.

A compreensão das identidades de gênero e sexualidade é um tema complexo e multifacetado, que se desenvolve em diferentes contextos sociais, culturais e históricos. Nesse sentido, os estudos *queer* buscam investigar as diversas formas pelas quais as identidades de gênero e sexualidade são vivenciadas, construídas e representadas, destacando a importância de reconhecer a diversidade de experiências e perspectivas envolvidas. Assim, é importante salientarmos que as mudanças nos estudos de gênero e sexualidade têm acompanhado as transformações sociais, culturais e políticas que ocorreram ao longo das últimas décadas, e que o seu surgimento pode ser considerado um momento importante na trajetória desses estudos.

Neste trabalho, por meio da revisão de literatura, buscaremos analisar os estudos *queer* através da abordagem crítica que toma gênero e sexualidade como construções sociais e históricas/ como marcadores construídos social e historicamente, e que investiga como essas construções podem ser refeitas e reimaginadas de maneiras diversas, considerando, sobretudo, as múltiplas formas de opressão e discriminação que se interconectam e se reforçam, como a discriminação baseada em gênero, sexualidade,

² Nesse trabalho, optamos por utilizar o termo “Estudos Queer” (Eng; Halberstan; Muñoz, 2005) por entender que implica uma abordagem mais situada, contextualizada e crítica, reconhecendo a diversidade de perspectivas, sujeitos e contextos envolvidos na produção do conhecimento. Contudo outros autores e autoras também utilizam “Teoria Queer” (DE LAURETIS, 1991; BUTLER, 1993); “Saberes Queer” (RUBIN, 2003; MISKOLCI, 2014); “Estudos Transviados” (BENTO, 2017); “Teoria Cu” (PELÚCIO, 2016) referindo-se a esse mesmo campo de estudos.

cor/raça e classe. Diante dessas questões, as abordagens da crítica *Queer of Color*³, assim como o *Queer Indigenous Studies* e a abordagem *Two-spirit* desempenham um papel fundamental na busca por ampliar o debate sobre a construção de uma leitura política e decolonial das experiências e práticas que ultrapassam as fronteiras do binarismo de gênero e dos modelos fixos de ser e agir.

Interseccionalidade como ferramenta de análise

Ao considerarmos marcadores sociais de cor/raça e classe, por exemplo, torna-se evidente que as desigualdades de gênero e sexualidade estão intrinsecamente interligadas a outras formas de opressão e discriminação. Isso ressalta a importância de ampliar o debate que leve em conta essas intersecções. Como observado por Bento (2017, p. 23), os diversos cruzamentos, encontros e desencontros dos marcadores sociais da diferença e da desigualdade social impedem que se pense em termos de um sujeito único. O caráter polifônico de um sujeito político, cuja identidade costumava ser definida pelo corpo sexuado, já não se sustenta mais.

O conceito de interseccionalidade, cunhado pela professora de direito estadunidense Kimberlé Crenshaw (1989), é fundamental para analisarmos a estrutura social e entendermos as desigualdades que afetam as pessoas de diferentes formas. Em essência, a interseccionalidade argumenta que a opressão não é uma experiência única, mas sim um resultado da interseção de múltiplas formas de identidade, incluindo cor/raça, gênero, classe, sexualidade e outras dimensões. Segundo Crenshaw:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

³ Nesse trabalho, optamos por usar o vocábulo no inglês internacional, porém esse termo também pode ser encontrado na grafia do inglês britânico "queer of colour".

A partir do conceito, a interseccionalidade pode ser entendida como uma ferramenta teórica que nos permite compreender como diferentes dimensões da vida humana, como gênero, sexualidade, cor/raça, classe e outros marcadores de diferença, interagem e se entrelaçam, gerando opressão e exclusão de determinados indivíduos. Ao reconhecer as complexidades e nuances dessas experiências, podemos analisar de maneira mais precisa as múltiplas formas de discriminação e desigualdade presentes em nossa sociedade. Entretanto, ressalta Guimarães Corrêa (2020), é importante destacarmos que, anos antes de Crenshaw, no Brasil, a intelectual negra Lélia Gonzales (1935-1994) já “conectava raça, gênero e classe em suas análises a partir dos anos 1970, antes mesmo da cunhagem do conceito de interseccionalidade.” (CORRÊA, 2020, p. 4, tradução livre).

Em seu artigo “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”, publicado em 1984, resultado de seu engajamento e atuação nos movimentos sociais (GUIMARÃES-SILVA; PILAR, 2020), Gonzales argumentou que as experiências de opressão e exploração vivenciadas pelas mulheres negras não podiam ser compreendidas apenas a partir de uma análise de gênero ou de cor/raça isoladamente, mas sim a partir da interseção dessas categorias sociais. Segundo a autora, o racismo emerge como o sintoma distintivo que define a neurose cultural brasileira e assim, “veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. (GONZALES, 1984, p. 224)

Apesar de Lélia Gonzales já problematizar sobre as consequências ocasionadas pela interseção entre racismo e sexismo, a teoria da interseccionalidade só ganharia uma ampla aceitação com Crenshaw, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. Esse fenômeno, como pontuam Guimarães-Silva e Pilar (2020), revelaria uma grande questão a ser refletida: “não apenas existe um espaço legitimado para a produção de conhecimento, como aqui no Brasil a articulação entre esses dois espaços – o da experiência e da academia – não foi bem aceita.” (GUIMARÃES-SILVA; PILAR, 2020, p. 59).

Feitas essas ressalvas, a interseccionalidade, como uma forma analítica para se pensar a vida social será amplamente discutida por diversas vozes e sobre diversas perspectivas ao redor do mundo, sobretudo com grande influência do movimento

feminista lésbico negro da década de 1980 nos Estados Unidos⁴. Em resumo, essas reflexões desafiavam, principalmente, a ideia de que as mulheres negras, as lésbicas e outras minorias eram homogêneas em suas experiências de opressão, denunciando como tais violências seriam compostas de múltiplos fatores interconectados.

Na obra "Interseccionalidade" (2019), a pesquisadora Carla Akotirene destaca a importância de considerar a interseccionalidade como uma coalizão entre diferentes estruturas. De acordo com ela, é fundamental para os ativismos, incluindo os de natureza teórica, reconhecer a existência de uma matriz colonial moderna na qual as relações de poder estão entrelaçadas em múltiplas estruturas dinâmicas, todas dignas de atenção política (2019, p. 14).

Portanto, a compreensão de que a interseccionalidade não pressupõe uma hierarquia de marcadores de opressão seria de extrema importância tanto teórica quanto prática. A ideia de que existem marcadores de opressão "mais importantes" ou "mais relevantes" do que outros pode levar a uma visão simplista e reducionista da realidade social. Além disso, essa hierarquia pode contribuir para a exclusão de determinados grupos da luta por justiça social, uma vez que suas opressões são consideradas "menos importantes" ou "menos relevantes".

Crítica aos Estudos *Queer* a partir da perspectiva decolonial

Ao revisitarmos as reflexões de De Lauretis (1991) e Butler (1990; 1993), consideradas referências nos estudos *queer*, fica evidente a ausência de um diálogo interseccional, o que tem gerado críticas significativas em relação a essas reflexões. Assim, embora tais obras tenham sido fundamentais para a construção desse campo teórico, suas contribuições têm sido frequentemente questionadas por sua focalização na sexualidade e no gênero, aparentemente negligenciando a interconexão com outros marcadores sociais de diferença, como cor/raça e classe. Segundo a pesquisadora Caterine Rea:

⁴ Para um maior aprofundamento do tema, ver: Davis (1981/2016); Lorde (1984/2007), Brah (2006), Barbara Smith (2000); hooks (1982); Hill Collins e Bilge (2021).

Esta versão da teoria *queer* é, então, caracterizada pelo fato de entender a opressão/marginalização das pessoas sexualmente dissidentes de forma homogênea e unitária, ou seja, centrada na experiência de um sujeito *queer* branco, euro-americano e de classe média, cuja vivência da opressão é interpretada de maneira universal, como a maneira, por excelência, de vivenciar a homofobia e o heterossexismo (REA, 2017, p. 2).

Portanto, podemos compreender que a ausência de uma abordagem interseccional nos estudos *queer* pode ter consequências significativas, limitando a compreensão e o alcance do projeto político desses estudos. Ao não considerar as interconexões entre diferentes marcadores sociais, como cor/raça e classe, corre-se o risco de perpetuar uma visão limitada e simplificada das experiências das pessoas *queer*. Apesar disso, cabe a nós observarmos que a questão interseccional entre gênero, sexualidade e outros marcadores sociais não são absolutamente negligenciados nas contribuições de Butler ou De Lauretis, citando os mesmos exemplos de anteriormente. Em *“Body That Matter”*, publicado em 1993, Butler irá destacar que o sexo e o gênero não precedem à cor/raça e que tais diferenças não seriam eixos autônomos. Diz ela:

O que aparece dentro de tal estrutura enumerativa como categorias separáveis são, antes, as condições de articulação umas das outras: como a raça é vivida na modalidade de sexualidade? Como o gênero é vivido na modalidade de corrida? Como Estados-nações coloniais e neocoloniais ensaiam as relações de gênero na consolidação do poder do Estado? (BUTLER, 1993, p. 117, tradução livre).

Posteriormente, no mesmo livro, Butler aborda o filme/documentário "Paris em Chamas"⁵ e ressalta a importância de considerar esses eixos interligados. Segundo ela, a investigação sobre homossexualidade e gênero requer a necessidade de conceder prioridade a ambos os termos, a fim de mapear o poder e questionar sua formação dentro de regimes específicos e espacializações geopolíticas (BUTLER, 1993).

Como aponta a pesquisadora Sara Salih, apesar de Butler ser “extremamente cuidadosa em não sugerir que qualquer um dos termos tenha prioridade sobre o outro.” (2012, p. 133), ela não deixaria claro como esses eixos se interpelam ou como eles afetariam a vida social. Além disso, ao analisar a primeira grande obra *queer* de Butler,

⁵ No original, *Paris is Burning*, EUA, 1991, direção: Jannie Livingston.

“*Gender Trouble*”, Salih também identificará que “a discussão sobre raça está praticamente ausente.” (2012, p. 130).

Em entrevista concedida para o portal de notícias brasileiro “ComCiência” em 2017, Butler irá reconhecer que:

embora certas versões de *queer* tenham sido corretamente criticadas por serem presumivelmente brancas e classistas, penso que o movimento dos “queers negros” fez um trabalho enormemente poderoso para redirecionar a orientação do termo, democratizar seu potencial e expor e opor seus limites de exclusão no contexto de uma luta em expansão, de articulação de uma aliança mais complexa que contesta algumas das versões mais antigas do “coletivo” (BUTLER, 2017, *online*).

É importante destacar a contribuição de De Lauretis, que ressalta a necessidade de considerar a interseção de cor/raça, classe, etnia, geração, geografia e diferenças políticas ao abordar questões de sexualidade e identidade de gênero. Segundo ela, há uma lacuna preocupante no campo emergente em relação ao silêncio sobre as relações entre cor/raça, identidade e subjetividade nas práticas de homossexualidade e representações de gênero (DE LAURETIS, 2007).

Ainda assim, não é aprofundada nesses debates a compreensão de que as opressões e desigualdades vivenciadas pelas pessoas não estão relacionadas apenas a uma única dimensão da identidade (como gênero ou orientação sexual), mas sim à interseção dessas dimensões com outros marcadores sociais de diferença. A falta de consideração dessa questão pode levar a uma visão limitada e homogênea das experiências e realidades das pessoas *queer*, negligenciando a complexidade que as envolve.

Uma das correntes críticas relevantes para enriquecer o debate sobre gênero, sexualidade, cor/raça e classe é a crítica *Queer of Color*. Por meio de abordagens diversas, essa corrente procura destacar as possíveis limitações dos estudos *queer* ao não considerarem de forma prática as diferenças culturais e históricas que influenciam a experiência das pessoas em diversos contextos sociais. Essa crítica ressalta as complexidades das identidades e vivências *queer* além do contexto ocidental, buscando incorporar perspectivas e experiências marginalizadas nos diálogos sobre gênero e sexualidade.

No livro “*Aberrations in Black. Towards a Queer of Color Critique*” (2004), o sociólogo afro-americano Rodrick A. Ferguson destacará a importância dos estudos feministas negros, em especial das lésbicas negras, para a construção da teoria crítica *Queer of Color*. Isso se deve ao fato de que essas estudiosas e ativistas, teriam se debruçado sobre as complexas interações entre cor/raça, gênero e sexualidade, evidenciando a diversidade de experiências vividas por mulheres negras e a necessidade de uma análise mais interseccional e crítica dessas vivências. Diz ele:

A composição heterogênea do feminismo lésbico negro inspirou uma política da diferença que poderia criticar os fundamentos nacionalistas de identidade e desafiar a regulação racial, a normatividade de gênero e sexualidade [...]. Desta forma, as negações das mulheres feministas de cor eram muito diferentes da política de negação que a libertação nacional oferecia. A libertação nacional negou ao Ocidente a identidade nacional, substituindo as identidades subalternas. Esta negação mantida a identidade como o veículo e o destino de emancipação nacional. Ao contrário da preservação da libertação nacional e da ideia de identidade nacional, o feminismo das mulheres negras negava tanto nacionalismo quanto a libertação nacional, trabalhando para teorizar os limites da identidade subalterna (FERGUSON, 2004, p. 129, tradução livre).

Ao integrar as reflexões dessas autoras em sua abordagem, a crítica *Queer of Color* busca expandir sua abrangência e sua capacidade de compreender e transformar as diversas formas de opressão e exclusão enfrentadas por grupos marginalizados na sociedade contemporânea. Segundo Ferguson, essa perspectiva seria uma:

interrogação das formações sociais em termos de intersecções de raça, gênero, sexualidade e classe, com o interesse particular em destacar como essas formações correspondem ou divergem de ideais e práticas nacionalistas. A análise *Queer of Colour* é uma empresa heterogênea que deriva do feminismo das mulheres não brancas, de análises materialistas, da teoria pós-estruturalista e da crítica *queer* (Ferguson, 2003, p.147, *apud* REA; AMANCIO, 2018, p. 16)

Nessa perspectiva, destaca-se a importância do professor cubano José Esteban Muñoz (1967-2013) como uma das vozes significativas nesse campo. Muñoz é reconhecido por seu trabalho pioneiro ao examinar as complexas interações entre cor/raça, sexualidade e subjetividade (FERGUSON, 2004; JOHNSON, 2005/2020; REA; AMANCIO, 2018; LEITE, 2022). Sua abordagem consiste em uma crítica radical às normas culturais e políticas que restringem a capacidade das pessoas de construírem

identidades subversivas e resistentes, especialmente aquelas que são marginalizadas devido à sua cor/raça ou sexualidade.

Um dos conceitos centrais de sua obra está no que ele denominará “performances desidentificadas”. Por esse expressão, o autor se refere a uma forma de resistência e subversão da normatividade de gênero e sexualidade que cria novas formas de subjetividade e identidade *queer*. Assim, essas performances não se encaixariam em nenhuma categoria ou rótulo normativo. Estaria, na verdade, criando novas formas de subjetividade. Segundo ele:

A desidentificação é o terceiro modo de lidar com a ideologia dominante, aquela que nem se opõe a assimilar dentro de tal estrutura nem se opõe estritamente a ela; em vez disso, a desidentificação é uma estratégia que funciona a favor e contra a ideologia dominante (MUÑOZ, 1999, p. 11, tradução livre).

Sendo assim, poderíamos compreender o método de desidentificação, proposto por Muñoz (1999), como uma ferramenta fundamental para a aplicação da teoria crítica *Queer of Color* em estudos culturais e sociais. Por meio dessa abordagem, seria possível construir novas formas de subjetividade e pertencimento que transcendam as fronteiras impostas pelas categorias identitárias, construindo significados que subvertam em “face aos regimes repressores da verdade e do aparato de poder do estado” (MUÑOZ, 1999, p. 199, tradução livre).

Podemos compreender de forma concreta essa ideia ao observarmos artistas LGBT+ como Linn da Quebrada, Majur e Quebrada *Queer*, para citar apenas alguns, utilizam a performance artística como uma forma de destacar o racismo e a transfobia presentes na estrutura hetero-cis-normativa. Por meio de suas expressões artísticas, eles alcançam outras pessoas que compartilham experiências de luta semelhantes no dia a dia. Podemos analisar essa abordagem sob o prisma da desidentificação, como proposto por Muñoz (1999), como uma ferramenta política em sua arte. Através dessa desidentificação, eles criam novas possibilidades de identidade que subvertem as normas hegemônicas dentro da própria estrutura, tornando-se formas de resistência.

Ainda, a crítica *Queer of Color* também nos oferece uma importante contribuição para a construção de um pensamento decolonizado, particularmente

através do texto "*Decolonizing Sexualities Transnational Perspectives, Critical Interventions*" (2016), de Bakshi *et al.* Nessa obra, os autores irão abordar a ênfase na decolonização dos métodos e abordagens utilizados nas análises da sexualidade e gênero, reconhecendo a importância de desafiar as estruturas de poder e conhecimento que perpetuam a marginalização das pessoas negras e *queer*. Tal argumento iria de encontro com a suposta superioridade que a modernidade ocidental teria sobre as questões de gênero e sexualidade. Dessa forma:

Um exame do impacto do apagamento de diversas formas de ser torna-se crucial em contextos *queer*, uma vez que o Ocidente é construído como o campeão progressivo das subculturas *queer* globalmente. O racismo cultural dentro dos circuitos *queer* funciona em conjunto com a cultura imaginária do Sul Global como um local necessariamente homofóbico e produz códigos hegemônicos de colonialidade, que conseguiram apoio para empreendimentos neocoloniais e neoimperiais ao posicionar o Norte Global como o único garantidor dos direitos humanos para todos os povos, incluindo as mulheres e pessoas *queer* (BAKSHI; *et al.*, 2016, p. 1-2, tradução livre).

Em outro momento, Bankshi propõe o conceito de "*queerness decolonial*" (2016, p. 3), uma abordagem crítica da sexualidade e da identidade *queer* que desafia as normas hegemônicas e as hierarquias de poder coloniais que moldaram a construção da sexualidade e da identidade de grupos marginalizados. Essa leitura questiona e confronta as normas binárias de gênero e sexualidade, valorizando as experiências e identidades de pessoas historicamente marginalizadas e deslegitimadas, especialmente em contextos coloniais. Isso implica reconhecer e valorizar identidades e práticas não binárias, *queer* e transgressoras em relação às normas hegemônicas de gênero e sexualidade, além de valorizar a diversidade cultural e os conhecimentos e práticas tradicionais das comunidades *queer* e trans de diferentes origens.

O *Queer Indigenous Studies* e a abordagem crítica *Two-spirit* também nos oferecem contribuições significativas para ampliar o debate decolonial em relação às leituras sobre gênero e sexualidade. Ao examinar as experiências de pessoas indígenas não-heterossexuais, especialmente considerando o impacto do processo de colonização, podemos compreender que esse processo não se restringiu apenas à apropriação territorial e cultural, mas também envolveu uma "colonização da sexualidade". Essa colonização ocorreu por meio da imposição dos valores sexuais da cultura dominante,

resultando na restrição e marginalização das identidades e expressões de gênero que não se encaixavam nas categorias binárias e normativas fora do modelo binário.

Nesse sentido, observações do antropólogo Will Roscoe são reconhecidas por sua análise dos efeitos estruturais do processo de colonização sobre a questão da sexualidade entre os povos indígenas. Em seu livro "The Zuni Man-Woman" (1991), Roscoe examina como a colonização impactou as comunidades indígenas, especificamente os Zuni, em relação às identidades de gênero e sexualidade. Ele destaca como as normas impostas pelos colonizadores e a influência do cristianismo influenciaram a marginalização e a estigmatização das pessoas que não se conformavam às categorias binárias ocidentais. Segundo ele:

Nas sociedades nativas tradicionais, os "berdaches" não eram anômalos. Eles eram membros integrais, produtivos e valiosos de suas comunidades. Mas a cultura europeia transplantada para a América não tinha funções comparáveis, e os europeus que viram os "berdaches" não conseguiram descrevê-los com precisão ou compreender seu lugar nas sociedades indígenas. Na verdade, durante um longo período da história, as instituições sociais europeias procuraram suprimir os comportamentos econômicos, sociais e sexuais típicos dos "berdaches". Poucos aspectos das culturas dos índios europeus e americanos entraram em conflito tanto quanto esse (ROSCOE, 1996, p. 5, tradução livre).

Conforme aponta o cientista social e antropólogo Estevão Fernandes, o termo "*two-spirit*" foi introduzido por indígenas dos Estados Unidos e Canadá durante os anos 1990 como uma alternativa ao uso da palavra "berdache" (FERNANDES, 2017). Essa última, além de ser estigmatizante, está ligada etimologicamente a uma relação de pederastia, na qual se associa o sujeito a uma posição passiva. Assim, o adotar o termo *Two-spirit*, as comunidades indígenas buscaram ressignificar e reafirmar suas próprias identidades e expressões de gênero e sexualidade, desvinculando-se dos estereótipos e preconceitos historicamente associados a essas palavras. Segundo ele:

Na prática, isso significou mais que uma mudança de denominação: assumir-se como dois espíritos não apenas foca no papel espiritual da pessoa - e não em suas práticas sexuais - como também significa uma crítica ao processo de colonização: parte considerável dos escritos produzidos por autores e ativistas *two-spirits* e assenta na análise e crítica aos processos de colonização que os estigmatizaram (FERNANDES, 2017, p. 100).

O *Two-spirit*, portanto, resgatou não apenas um papel tradicional, mas também um papel sagrado que divergia dos demais termos utilizados. Ao adotar essa terminologia, uma postura decolonial é assumida, rejeitando as categorias ocidentais de classificação impostas a determinadas práticas. O *Two-spirit* reafirmou a importância dessas identidades e expressões de gênero, reconhecendo-as dentro de um contexto cultural e espiritual indígena, e desafiou as noções coloniais que tentaram impor uma visão limitada e binária sobre sexualidade e gênero (FERNANDES, 2013).

Sendo assim, a pesquisa de Fernandes (2013) nos leva a compreender a existência de papéis e identidades de gênero diversificados, incluindo aqueles que são reconhecidos como *Two-spirit*. Essas identidades transcendiam as noções rígidas de masculino e feminino, incorporando uma compreensão mais fluída e inclusiva da sexualidade e do gênero. No entanto, com a chegada dos colonizadores e a imposição de sua visão de mundo, essas identidades foram suprimidas e estigmatizadas.

Uma forma de compreender a colonização é por meio do impacto provocado pelo cristianismo nas concepções ameríndias, estabelecendo uma cronologia desse processo. Esse encontro cultural gerou uma série de transformações nas relações de gênero e sexualidade que caracterizam os territórios colonizados na atualidade. Ao buscarmos analisar esse processo, é possível perceber a maneira como os corpos surgidos no contexto colonial se tornaram objetos abjetos, representando a posição subalterna reservada às pessoas que não se adequavam à matriz ocidental de sexualidade e gênero. Essas invenções abjetas evidenciam o lugar de marginalização e exclusão que foi imposto a essas identidades não conformes, revelando a complexidade e a violência do legado colonial nessas esferas.

Nessa perspectiva, o historiador e pesquisador Jean Baptista também nos indaga sobre esse processo ao dizer que:

tais corpos abjetos indígenas são resultantes do processo colonizador, e não das sociedades e culturas nativas, ao mesmo tempo que representam o esforço de diversas populações em ingressarem no mundo colonial a partir de um papel ativo na forja dessas abjeções (BAPTISTA, 2021, p. 18).

Baptista apresenta argumentos importantes que nos convidam a refletir sobre o processo de colonização no contexto brasileiro e o impacto do embate entre as

concepções ameríndias e o cristianismo. Esse choque resultou nas relações de gênero e sexualidade que caracterizam os territórios colonizados atualmente. Em seu projeto "Entre o Arco e o Cesto: a produção de corpos abjetos indígenas", ele levanta uma importante questão: esses corpos abjetos indígenas são fruto do processo colonizador, não das sociedades e culturas nativas, ao mesmo tempo em que representam o esforço de diversas populações em se inserir no mundo colonial através de um papel ativo na criação dessas abjeções (BAPTISTA, 2021).

A pesquisa de Baptista recupera, nos estudos sociológicos, antropológicos e históricos, as implicações potenciais da categoria de sexualidade quando aplicada à reflexão histórica do passado indígena e, mais especificamente, "a invenção de corpos indígenas abjetos" (2021, p. 18-19). Por meio da análise de documentos coloniais, o historiador articula o *Queer Indigenous Studies* para explorar como essa categoria foi utilizada e busca contribuir para o debate sobre como essa construção afetou as vivências e representações dos corpos indígenas. Assim:

Em busca de seus próprios pecados, os cronistas coloniais localizaram em um conjunto de práticas indígenas o que chamam de "sodomia", "pederastia", "afeminização", "masculinização", entre outros temas próprios de olhos tomados de culpa, terror e desejo (BAPTISTA, 2021, p. 19).

Contudo, muito além dos métodos tradicionais da produção historiográfica, o projeto também se dedica a mapear e analisar a produção de artistas indígenas que oferecem suas próprias perspectivas do passado indígena. Nesse sentido, como destaca Baptista (2021), as obras de Kent Monkman e Urya Sodoma se destacam como "um exemplo de uma crítica que serve para ilustrar o quanto as pessoas indígenas dissidentes da matriz cisheterossexual estão a expressar sua visão da História" (2021, p. 23). Esses artistas oferecem uma abordagem única e provocativa, desafiando as narrativas dominantes e oferecendo novas formas de entender o passado e o presente indígena. Suas obras artísticas servem como testemunho do poder da expressão criativa e como uma forma de resgate e afirmação das identidades e experiências indígenas em não conformidade com as imposições de gênero e sexualidade.

Essas perspectivas nos convidam a refletir sobre as consequências da colonização na vida das pessoas indígenas não-heterossexuais. Ela nos permite

reconhecer como a internalização dos valores sexuais coloniais afetou negativamente as comunidades indígenas, levando à marginalização, discriminação e negação de suas identidades e expressões de gênero autênticas. Portanto, é essencial desafiar e desmantelar as estruturas opressivas estabelecidas durante o processo de colonização, a fim de valorizar e respeitar plenamente as identidades e experiências não-heterossexuais dentro das comunidades indígenas.

Reimaginando os Estudos Queer

Na tentativa de encontrar uma genealogia decolonial para os estudos *queer*, seria possível retomarmos as contribuições da escritora e teórica feminista chicana Gloria Anzaldúa (1942-2004). Em seu livro "*Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*" (1987), considerada uma obra seminal nos estudos chicanos e *queer*, Anzaldúa utiliza, pela primeira vez, no contexto acadêmico, o termo *queer*. Segundo ela:

Como *mestiza*, eu não tenho país, minha terra natal me despejou; no entanto, todos os países são meus porque eu sou a irmã ou a amante em potencial de todas as mulheres. (Como uma lésbica não tenho raça, meu próprio povo me rejeita; mas sou de todas as raças porque a *queer* em mim existe em todas as raças.) Sou sem cultura porque, como uma feminista, desafio as crenças culturais/religiosas coletivas de origem masculina dos indo-hispânicos e anglos; entretanto, tenho cultura porque estou participando da criação de uma outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e a nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam um/a ao/à outro/a e ao planeta. *Soy um amasamiento*, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados (ANZALDÚA, 1987, p. 80-81, tradução livre).

Glória Anzaldúa se autodenominará como "*mestiza*", uma pessoa de origem mexicana e indígena que cresceu na fronteira entre os Estados Unidos e o México. Ela descreve o ser *mestiza* como uma pessoa que vive na fronteira entre diferentes culturas e línguas, e que carrega dentro de si as influências de ambas (ANZALDÚA, 1987, p. 64). A autora cunha o termo "*neo-mestiza*" (1987) para descrever uma identidade ainda mais complexa e fluida que transcende as fronteiras nacionais e étnicas. Portanto, a *neo-mestiza* seria uma pessoa que está constantemente se movendo entre diferentes

culturas, línguas, identidades e fronteiras, e que se recusa a ser definida por uma única categoria fixa. Segunda ela:

A “*neo-mestiza*” lida desenvolvendo uma tolerância para as contradições, uma tolerância para a ambiguidade. Ela aprende a ser índia na cultura mexicana, ser mexicano de um ponto de vista anglo. Ela aprende a fazer malabarismos com as culturas. Ela tem uma personalidade plural, ela opera em um modo plural – nada é jogado fora, o bom o mau e o feio, nada rejeitado, nada abandonado. Não apenas ela sustenta contradições, ela transforma a ambivalência em outra coisa (ANZALDÚA, 1987, p. 79, tradução nossa).

Anzaldúa comprehende o gênero e a sexualidade como construções sociais complexas que são influenciadas por uma variedade de fatores, incluindo cultura, cor/raça, classe e história pessoal. Sendo assim, ela irá explorar a intersecção de suas próprias identidades, “sendo *queer*, sendo de cor, me considero entre as fronteiras (a verdadeira encruzilhada ou ponte) dessas duas ‘leituras.’” (ANZALDÚA, 2009, p. 172), argumentando que essas identidades se sobrepõem e interagem para criar uma experiência única e complexa.

A partir dessas reflexões, podemos compreender o *queer decolonial* como uma abordagem política e teórica que reconheceria a importância da decolonização não apenas dos territórios físicos, mas também das mentes e dos corpos. Com isso, seria possível propor uma abordagem que valorize e celebre as múltiplas identidades e fronteiras que compõem a experiência *queer* e que desafiariam as normas opressivas que limitam a liberdade e a expressão. O *queer decolonial*, portanto, seria uma abordagem que reconhece a complexidade e a interconexão das diferentes formas de opressão, e que propõe a subversão das normas dominantes em favor de formas de ser e de pensar mais livres e plurais.

A preocupação com a decolonização dos saberes sobre gênero e sexualidade também tem sido uma temática presente nas abordagens e leituras *queer* brasileiras. A preocupação com a decolonização dos saberes sobre gênero e sexualidade também tem sido uma temática presente nas abordagens e leituras *queer* brasileiras. Assim é o caso do livro organizado por Richard Miskolci e Larissa Pelúcio, “Discursos fora ordem”, publicado em 2012. A obra busca desconstruir as ideias eurocêntricas presentes nos estudos *queer* e repensar a produção de conhecimento a partir de uma perspectiva

decolonial e interseccional, trazendo uma “amostra cartográfica dos deslocamentos, das reinvenções e das demandas por reconhecimento que caracterizam o cenário contemporâneo.” (MISKOLCI, PELÚCIO, 2012, p. 9)

Assim, como reforçam Miskolci e Pelúcio ao mobilizarem os estudos *queer*, os estudos feministas, os estudos decoloniais e os Saberes Subalternos⁶, procuram unificar “discursos fora da ordem, no sentido de que indisciplinadamente se constituem a partir de uma desconstrução da forma de pesquisar prevalecentes, segundo o qual seria possível conhecer de forma não situada, universal.” (2012, p. 11)

Neste ponto, nos deparamos com uma das reflexões centrais do nosso trabalho. Ao propor uma reimaginação para os estudos *queer*, bem como uma genealogia distinta que incorpora as interseccionalidades e uma crítica epistêmica decolonial, podemos potencialmente abrir novos horizontes para o desenvolvimento desse campo de estudos em contextos do Sul Global. Conforme destacado pelas pesquisadoras Catarine Rea e Izzy Amancio (2018, p. 15), essa abordagem pode permitir a criação de novas perspectivas e possibilidades para a teoria *queer*, superando limitações e promovendo uma compreensão mais contextualizada e relevante em diferentes realidades.

Nos últimos vinte anos, desde a chegada dos estudos *queer* no Brasil, há uma crescente discussão acerca da construção de um pensamento decolonial e que teria como uma das questões centrais a adaptação da palavra *queer*. A problemática consiste na tentativa de traduzir e adaptar um conceito fortemente ligado à experiência cultural, histórica e social de países de língua inglesa para uma realidade social e política diferente, como a brasileira.

Como irá refletir Pelúcio em seu artigo “Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos *queer* no Brasil?”, de 2014, o termo *queer*, quando importado para os países latino-americanos, “nada quer dizer ao senso comum.” (2014, p. 71). E continua:

o desconforto que o termo causa em países de língua inglesa se dissolve aqui na maciez das vogais que nós brasileiros insistimos em colocar por toda parte. De maneira que a intenção inaugural desta vertente teórica norte-americana, de se

⁶ Segundo Miskolci e Pelúcio, os Saberes Subalternos seriam aqueles que “partilham de um lugar epistêmico questionador das teorias eurocêntricas que, sob alegado universalismo, privilegiam uma forma de conhecer que toma o Ocidente, a branquitude, o masculino e a heterossexualidade como a medida do humano.” (2012, p. 10)

apropriar de um termo desqualificador para politizá-lo, perdeu-se no Brasil (PELÚCIO, 2014, p. 71).

Para ela, o conceito de subalternidade, trazido pelos estudos decoloniais, seria fundamental para repensarmos às perspectivas que foram silenciadas ou marginalizadas pela hegemonia ocidental. A partir disso, Pelúcio irá propor a criação de uma "teoria *cucaracha*"⁷ na tentativa de "evidenciar nossa antropofagia, a partir da ênfase estrutural entre boca e ânus, entre anus e produção marginal." (PELÚCIO, 2014, p. 84). Através dessa perspectiva, seria possível incorporar as perspectivas subalternas, considerando a complexidade das experiências de sujeitos que vivem em contextos colonizados e de marginalidade.

A discussão sobre essas inquietações do *queer* no Sul Global também estão presentes nas pesquisas de Pedro Paulo Gomes Pereira (2012; 2015), no entanto, o autor nos leva a refletir sobre outro prisma, para além dos processos que "centram em verificar como era o adjetivo e o que se tornou, mas que esquecem do próprio movimento." (2012, p. 373). E continua:

O *queer* é, assim, tanto adjetivo (ou substantivo) como, mais apropriadamente, verbo. Um verbo que desenha ações e deslocamentos arriscados, delineando trajetórias múltiplas de corpos instáveis, provisórios e cindidos. O ato performático muda; o que incomoda e abala é a mudança, não só porque altera os sujeitos que enunciaram, mas porque insere a probabilidade de transformação (PEREIRA, 2012, p. 373).

Nesse sentido, Pereira questiona o potencial político dos estudos *queer*, ressaltando que não poderíamos pensar uma teoria que "nasce da carne" (MORGANA; ANZALDÚA, 1983, p. 23) fora do corpo e, além disso, tendo em vista que contextos diferentes constroem corpos diferentes, portanto, seria necessário "interpelar, além da política de localização e do lugar de enunciação, a corporeidade dessas teorias." (PEREIRA, 2015, p. 422)

⁷ Segundo Pelúcio, "Cucarachas" (baratas em espanhol), "foi expressão usada muitas vezes para nomear, nos Estados Unidos, os/as imigrantes latino-americanas/os. O termo, claramente pejorativo, pode nos servir aqui da mesma maneira como o xingamento '*queer*' serviu aquelas/es primeiras/os teóricas e teóricos *queer*." (2016, p. 131)

Sendo assim, segundo o autor, seria impossível concebermos os estudos *queer* de forma abstrata ou descolada da realidade material; pelo contrário, torna-se fundamental considerarmos a materialidade que permeia nossas relações sociais, como a economia, a política, a história, a cultura e a biologia. Dessa forma, “não há como pensar esses corpos descontextualizados dos intrincados contextos que os produziram” (PEREIRA, 2012, p. 389), já que a própria construção das identidades de gênero e sexualidade são indissociavelmente influenciadas por esses fatores e se dão em um contexto social, histórico e político específico.

Os corpos *queer* são constituídos na diferença colonial. Não há como separar corpos abjetos, sexualidades dissidentes de localização geográfica, língua, história e cultura. A teoria *queer* é também uma política de localização – *queer* e pensamento decolonial são teorias corporificadas (PEREIRA, 2015, p. 418).

Haveria também, como pontua Pereira, para além de um estranhamento, dada a “proximidade da teoria *queer* com as teorias formuladas nos países do Norte Global.” (PEREIRA, 2015, p. 416) uma possível aproximação do pensamento decolonial e os estudos *queer*, já que ambos compartilhariam temas e preocupações em comum, tais como a crítica às formas hegemônicas de poder e dominação, a desnaturalização das categorias identitárias e sexuais e a defesa de práticas e modos de vida dissidentes e não normativos, abrindo-se e apostando em “outros corpos, histórias e teorias.” (PEREIRA, 2015, p. 417)

Além disso, é importante ressaltarmos que a teoria *queer* nos ensina que gênero e sexualidade não são categorias fixas, mas sim performances que são influenciadas por experiências locais, sociais e culturais. Nesse sentido, não podemos pensar em uma teoria *queer* universal que não considere essas especificidades. Devemos estar conscientes da importância do corpo e das categorias de articulação intersectadas, a fim de desenvolver uma leitura crítica e questionadora que seja capaz de enfrentar, na prática, a opressão e a violência contra as diversas formas de vivenciar o corpo e a sexualidade. Somente através dessa abordagem podemos compreender e combater as múltiplas formas de opressão que afetam as pessoas em nossa sociedade, e promover uma abordagem mais inclusiva e respeitosa em relação às diferenças.

Considerações finais

A potencialidade política dos estudos *queer* está em sua capacidade de subverter e contestar a norma. Essa subversão é resultado do questionamento das categorias binárias, tais como homem/mulher, heterossexual/homossexual, e da ideia de que essas categorias são naturais e imutáveis. A partir da desconstrução dessas categorias, a teoria *queer* possibilita a criação de novas formas de subjetividades e práticas sociais que não se encaixam nos moldes tradicionais.

A percepção da importância do corpo nos estudos *queer* é amplamente reconhecida por acadêmicos e acadêmicas que se dedicam a essa área de pesquisa. Contudo, essa compreensão vai além de uma perspectiva estritamente biológica ou naturalista. É crucial compreender como o corpo é influenciado e moldado por diversos marcadores sociais, tais como gênero, sexualidade, cor/raça e classe. Nesse sentido, a interseccionalidade emerge como um aspecto essencial para a análise das subjetividades e das práticas *queer*, permitindo uma compreensão mais completa e contextualizada.

Por fim, vale ressaltar que essas abordagens não são excludentes ou definitivas, mas sim complementares. Enquanto os estudos *queer* têm se dedicado a criticar a heteronormatividade e desafiar as normas sexuais e de gênero impostas pela sociedade, a perspectiva do *Two-spirit* traz reflexões específicas sobre as experiências de pessoas indígenas não-heterossexuais, levando em consideração o impacto do processo de colonização. Além disso, a crítica *Queer of Color* surge como uma poderosa ferramenta para examinar as interseções entre raça, sexualidade e subjetividade, desafiando o projeto colonial e suas consequências opressivas. Essas abordagens, juntas, enriquecem o debate ao ampliar a compreensão das complexidades e das interações entre gênero, sexualidade, raça e poder, proporcionando uma visão mais abrangente e inclusiva das experiências humanas.

Diante desse projeto interseccional e decolonial, é relevante mencionar que, nos Estados Unidos, os estudos *queer* interseccionais ganharam uma nova sigla a partir do movimento Black Lives Matter: BIPOC – *Black, Indigenous, and People of Color* (Negros, Indígenas e Pessoas de Cor, em tradução livre). Essa sigla permitiu uma ampliação dos estudos *Queer of Color* naquele contexto e abriu caminho para uma reflexão mais

aprofundada sobre as interseções entre raça/etnia, gênero e sexualidade. Quando incorporamos a perspectiva BIPOC nos estudos *queer* e na interseccionalidade, reconhecemos que as experiências de pessoas racializadas dentro da comunidade *queer* são afetadas tanto pela opressão relacionada à sua identidade de gênero e orientação sexual quanto pela opressão racial. Isso significa que as análises *queer* e interseccionais devem levar em conta a experiência específica das pessoas BIPOC, abordando as interseções de raça, gênero e sexualidade em sua complexidade.

Referências

- ANZALDÚA, G. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- ANZALDÚA, G.; KEATING, Ana Louise (editor). **The Gloria Anzaldúa Reader**. Duke University Press, 2009.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BAKSHI, S.; JIVRAJ, S.; POSOCO, S. **Decolonizing sexualities. Transnational Perspective, critical interventions**. Oxford Counterpress, 2016.
- BAKSHI, S. Decoloniality, Queerness, and Giddha. In: BAKSHI, S.; JIVRAJ, S.; POSOCO, S. Decolonizing sexualities. Transnational Perspective, critical interventions. Oxford Counterpress, pp. 81-99, 2016.
- BAPTISTA. J. Queer Indigenous Studies: Ou como “deixei” de ser indígena para ser gay. **Revista Anômalas**, v. 1, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/ra/article/view/74499>. Acesso em 28 mai. 2023.
- BENTO, B. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. **Bodies that matter**: On the Discursive Limits of "Sex". New York: Routledge, 1993.
- BUTLER, J. “Boa parte de teoria *queer* foi dirigida contra o policiamento da identidade”. Dossiê 185. Dossiê Gênero, 2017. Disponível em: <http://www.comciencia.br/entrevistacom-judith-butler/>. Acesso: 25 mar. 2023.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. Rev. Estud. Fem., 2002 10(1), p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 01 abr. 2023.

DE LAURETIS, T. Queer Theory. Lesbian and Gay Sexualities: An Introduction. **Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies**, v. 3, n. 2, p. 11, 1991.

DE LAUTERIS, T. **Théorie queer et cultures populaires**. De Foucault à Cronenberg. Paris: La Dispute, 2007.

FERNANDES, E. R. Ativismo homossexual indígena e decolonialidade: da teoria queer às críticas two-spirit. **37º Encontro Anual da ANPOCS**, SPG 16 Sexualidade e gênero: espaço, corporalidades e relações de poder. Águas de Lindoia, SP, de 23 a 27 de setembro de 2013. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/37-encontro-anual-da-anpocs/spg-2/spg15-2/8741-ativismo-homossexual-indigena-e-decolonialidade-da-teoria-queer-as-criticas-two-spirit>. Acesso em: 28 mai. 2023.

FERNANDES, E. R. Quando existir é resistir: *Two-spirit* como crítica colonial. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, vol. 11 nº 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/14929/13250>. Acesso em: 30 mai. 2023.

FERGUSON, R. **Aberrations in Black: Toward a Queer of Color Critique**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GUIMARÃES CORRÊA, L. Intersectionality: A challenge for cultural studies in the 2020s. **International Journal of Cultural Studies**, 23(6), 823-832, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343531455_Intersectionality_A_challenge_for_cultural_studies_in_the_2020s. Acesso em: 25 mar. 2023.

GUIMARÃES-SILVA, P.; PILAR, O. A potencialidade do conceito de interseccionalidade. In: MESQUITA, C. P. L.; ESTEVES, J. T. (Org.); LIPOVETSKY, N. (Org.). **Feminismo & Deuda / Feminismo & Dívida**. 1. ed. Napoli: La Cittá del Sole, 2020, p. 52-70.

JOHNSON, E. Patrick. Estudos “Quare” ou (quase) tudo o que sei sobre estudos queer aprendi com minha avó. In: MORAES, Fernando Luís. **Analítica Quare: Como ler o humano**. Editora Devires. Bahia, 2021, p. 81-124.

LEITE, F. Estudos *Quare* e Crítica *Queer of Color*: Lentes interseccionais para os estudos publicitários. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 385-412, 2022. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27787. Acesso em: 1 abr. 2023.

MISKOLCI, R.; PELÚCIO, L. (org.). **Discursos fora de ordem**: sexualidades, saberes e direitos. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2012.

MORAIS, F.; et al. De *Queer* a *Quare*: uma aposta interseccional entre gênero, raça, etnia e classe. **Itinerários**, n. 48, p. 61-76, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/12114>. Acesso em: 25 mar. 2023.

MUÑOZ, J. E. **Disidentifications**: Queers of Color and the Performance of Politics. London: University of Minnesota Press, 1999.

PELÚCIO, L. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos *queer* no Brasil?. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 68-91, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150>. Acesso em: 1 abr. 2023.

PEREIRA, P. P. G. *Queer* nos trópicos. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 371-394. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/88>. Acesso em: 1 abr. 2023.

PEREIRA, P. P. G. *Queer* decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea – Revista de Sociologia da Ufscar**. v. 5, n. 2, p. 411-437, 2015. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/340>. Acesso em: 1 abr. 2023.

PEREIRA, L. Z. L.; PIFFER, T. Sexualidades Indígenas: *Two-Spirit* e *Queer of Colour* enquanto crítica à colonialidade. **Boletim Historiar**, vol. 09, n. 03. Jul./Set. 2022, p.35-50. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/18166>. Acesso em: 01 abr. 2022.

REA, C. A.; AMANCIO, I. M. S.. Descolonizar a sexualidade: Teoria *Queer of Colour* e trânsitos para o Sul. **Cadernos Pagu**, n. Cad. Pagu, 2018 (53), p. e185315, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/nbgqSYr89np8KP96VFwGCgt/?lang=pt#>. Acesso em: 25 mar. 2023.

REA, C. A. Crítica *Queer of Colour* e deslocamentos para o sul global. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503763392_ARQUIVO_FazendoGenero2017modelo.pdf. Acesso em: 25 mar. 2023.

ROSCOE, W. **The Zuni Man-Woman**. Albuquerque, N.M: University of New Mexico Press, 1996.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.